

Taubaté, 22,7,1906

Rangel:

Recebi o *Jardim dos Suplicios*, com intimação de recambio para o Nogueira_ mas onde paira o condor? Segue *The World*. Breve irá George Sand e mais coisas. Não andará por aí algum volume do meu *Diario*? Tenho ainda: *Le Rêve* e *Dr. Pascal*, de Zola, e *Le Bas* de Huysmans e *Salmagundi* de Washington Irving. Escolhe. O *Tião* é novela ou conto? Combinamos, eu e o Pinheiro (o de S. Paulo), um romance a dois ou tres no rodapé do *Minarete* e fiquei de te convidar para a empresa: *O Boiadeiro Antropofago*, por Pinheiro, Rangel e Helio! Nem plano, nem escola. Cenas obrigatorias: uma antropofagia, dois amores, um incendio, duas ou tres mães que *não* encontram a filha; e em vez do dedo de Deus no fim, o Dedo do Ouro esmagando a Inocencia e a Virtude! Coisa de derrancar Pindamonhangaba e fazer que aumentem as devoluções do *Minarete*. Cumpre desasnar o burguês.

Você negou a superioridade da vida com base na vontade diretamente assentada na rocha viva dos instintos. É que não me expliquei bem. Imaginaste que na minha teoria o papel da inteligencia era nulo, mas não foi o que eu disse ou penso. A inteligencia existe como complemento do instinto, como desenvolvimento ulterior deste. Exemplo: sinto uma irresistivel impulsão para destruir: vou e faço desse impulso a base dos meus estudos militares e da minha vida militar, e com a maior segurança e gloria torno-me Napoleão. Compreende? Agora, se prescindirmos da inteligencia, muito melhor ainda, porque nos tornaremos criaturas pura e exclusivamente naturais. Um tigre, um beijaflor, uma arvore são coisas absolutamente belas, perfeitas e felizes, porque só se movem levadas pelos impulsos do instinto. O pobre cachorro, só pelo fato de viver ha uns milenios com o homem, adquiriu um pouco de inteligencia e ficou uma coisa mais feia e infeliz que o lobo e sujeito a mais doenças_ justo castigo de ter-se afastado da natureza. Diz você que é dificil saber o que o nosso instinto pede. Dificil saber quando temos fome ou vontade de mulher? Como, se o Instinto fala pelas maravilhosas bocas do Desejo, da Vontade e da Necessidade? E quero uma coisa: que você me aponte em tua vida um só ato bom, feliz e saudavel, que não tenha alicerces no instinto. Até em teu programa diario de estudo vejo o instinto_ um instinto que sabe que é á força de metodo, de pouco-a-pouco, de tijolo a tijolo, que se arquitetam as grandes obras. O mesmo instinto que criou o metodo inexcédível das abelhas e formigas. O teu programa já existia no fundo dos formigueiros.

Li o *Le Jardin des Supplices* mas não vi nenhuma revelação do coração humano. Em primeiro lugar, esse coração nunca esteve irrevelado. O que Shakespeare, por exemplo, revelou, todo mundo já sabia intuitivamente_ e

gostamos de Shakespeare porque ele traduz coisas que sabemos confusamente. Shakespeare não era fotografo nem deus-homem_ as unicas entidades que *revelam*; o fotografo, chapas; e o deus, a “verdade”. Gostei do Mirbeau, mas não me deixo levar pelas suas blagues. No *Jardin* ele apenas explora o malsão. Cansados ás vezes de coisas belas, ceu azul, flores, marinhas, vem-nos a vontade de ir ver uma draga extrair o lodo de um fundo. Mas por descanso apenas, e breve. A obsessão do Nogueira pelo *malsain* me impressiona. O que anda a escrever ultimamente é hispido e hirsuto, isso em publico. Em particular escreveu-me algo tão cru que não tive desejos de responder, com receio de nova dose. É natural que se exalte com Mirbeau e outros do mesmo naipe.

Na “questão da simpatia” você me respondeu com argumentos *ad hominem*, o que em critica não sôa bem. Critica tem que ser ciencia, coisa alta, investigação dos fatos literarios apenas. Fora disso a Critica não passa de Impressionismo_ ramo da literatura comum. Diz você: “Prefiro Goncourt a *Manon*”. Mas isso não prova a superioridade de Goncourt sobre *Manon*. Do mesmo modo que se você preferir Silvestre Ferraz a Londres, isso não prova que Londres não seja a capital do Imperio Britanico. Voltaire preferia Scarron a Shakespeare, o que não impediu que a Posteridade preferisse Shakespeare a Scarron. Quem quer fazer-se critico deve por-se de lado, afastar o subjetivo; e se não for assim, faz literatura em vez de critica. Fiz mal em opor *Manon* a Goncourt_ é correlacionar heterogeneos. Mas digamos Daudet em vez de *Manon*. A força de Daudet contra Goncourt estará sempre na força irradiante da sua simpatia_ e desse modo fica o caso liquidado.

Diz você que admira Camões apenas por ser velho, como respeitas aos teus velhos avós. Mas olhe que além do velho ele é realmente grande e diz como nenhum poeta novo diz.

Dai-me hum a furia grande e sonora
E não de agreste avena, ou frauta ruda;
Mas de tuba canora e belicosa
Que o peito acende, e a côr ao gesto muda;

Ha arte aqui ás canadas, Rangel. E negará arte ao:

Por estes vos darey hum Nuno fero,
Que fez ao Rey e ao Reyno tal serviço;
Hum Egas, e hum dom Fuas, que de Homero
A Cithara para eles só cobiço;

Ou ao:

Outro Joane invicto cavalleiro
O quarto, e quinto Afonsos, e o terceiro.

Ou aos:

Hum Pacheco fortissimo, e os temidos

Almeidas, por quem sempre o Tejo chora.
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem, poder não teve a morte.

... e perfia
A ver os berços, onde nasce o dia
Quando Jupiter alto assy dizendo,
Cum tom de voz começa, grave e horrendo.

Oh, Rangel, pelo amor de Deus!

LOBATO